

## D. Pedro II

Enquanto os vivos se reuniam em torno do monumento que o Brasil erigiu ao Patriarca da Independência, no Rio de Janeiro, os grandes "mortos" da Patria igualmente se colocavam entre os incarnados, aliando-se ao povo carioca nas suas comovedoras lembranças.

Tambem eu acorri ao local da festa votiva dos Brasileiros, acompanhado do meu amigo José Porfirio de Miranda, antigo milionário do Pará, que a borracha elevara ás culminâncias da fortuna, conduzindo-o, em seguida, aos declives da miséria, nos seus caprichosos movimentos.

Os vivos e mortos do Brasil se reuniam na mesmo vibração afetiva das recordações suaves, enviando ao nobre organizador da vida política da nacionalidade um pensamento de amizade e de veneração.



Antigo companheiro nosso, também no plano invisível, em plena via pública acercou-se de mim, exclamando:

— Chegas um pouco tarde. José Bonifácio já não está presente; mas, poderás ainda conseguir uma proveitosa entrevista para os teus leitores. Sabes quem saiu daqui neste momento?

— Quem? pergunto eu, na minha fome de notícias.

— O Imperador.

— D. Pedro II?

— Êle mesmo. Após lembrar a grande figura do Patriarca, dirigiu-se com alguns amigos para Petrópolis, a reavivar velhas lembranças...

Em meu íntimo, havia um alvoroço de emoções. Lembrei-me de que, em toda a minha existência de jornalista no mundo, só enxergara um monarca dentro dos meus olhos: o rei Alberto I, dos Belgas, quando, no Clube dos Diários, a élite dos intelectuais do país lhe oferecera a homenagem de uma comovida admiração. E ponderei se haveria mérito em consultar o pensamento de um rei, no outro mundo, onde todas as majestades desaparecem. Recordei a figura do grande imperador que Victor Hugo considerava o monarca republicano. Com os olhos da imaginação, vi-o, de novo, na intimidade dos Paços de São Cristovão: o perfil heraldico, onde um sorriso de bondade espalhava o perfume da tolerância; as barbas compridas e brancas, como as dos santos das

oleografias católicas; o olhar cheio de generosidade e de brandura, irradiando as mais doces promessas.

Um vivo, em havendo de ir a Petrópolis, é obrigado ao trajeto penoso dos onibus, embora as perspectivas maravilhosas do mais belo trecho de todas as estradas do Brasil; os desincarnados, porém, não necessitam de semelhantes sacrifícios. Num abrir e fechar de olhos, eu e o meu amigo nos encontravamos na encantadora cidade das horrencias, onde os milionários do Rio de Janeiro podem descansar nas mais variadas épocas do ano.

Não fomos encontrar o Imperador nos antigos edifícios em que estabelecera a residência patriarcal de sua família; mas, justamente num recanto de jardim, contemplando as deliciosas paisagens da Serra da Estrela e apreciando o sabor das recordações amigas e doces.

Acerquei-me da sua individualidade, com um mixto de curiosidade e de profundo respeito, procurando improficuamente identificar os dois companheiros que o rodeavam.

— Majestade! — tentei chamar-lhe a atenção com a minha palavra humilde e obscura.

— Aproximem-se, meus amigos! — respondeu-me com benevolência e carinho. — Aqui não existe nenhuma expressão de majestade. Cá es-



tão, fraternalmente comigo, o Afonso <sup>(1)</sup> e o Luiz <sup>(2)</sup>, como três irmãos, sentindo eu muito prazer na companhia de ambos. Se o mundo nos irmana sobre a terra, a morte nos confraterniza no espaço infinito, sob as vistas magnanimas do Senhor.

E, fazendo uma pausa, como quem reconhece que ha tempo de falar e tempo de ouvir, conforme nos aconselha a sabedoria da Bíblia, exclama o Imperador com bondade:

— A que devo o obsequio da sua interpegação?

— Majestade! — respondi, confundido com a sua delicadeza — desejava colher a sua opinião com respeito ao Brasil e aos Brasileiros. Estamos no limiar do cincoentenário de República e seria interessante ouvir o vosso conselho paternal para os vivos de boa vontade. Que pensais destes quarenta e tantos anos de novo regime?

— Minha palavra — retrucou D. Pedro — não pode ter a importancia que a sua generosidade lhe atribue. Que poderia dizer do Brasil, senão que continuo a amá-lo com a mesma dedicação de todos os dias? Do plano invisível, para o mundo, prosseguimos no mesmo labor de cons-

(1) Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto. Foi presidente do último gabinete ministerial que teve a monarquia.

(2) Luiz Felipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Foi genro de D. Pedro II, por ter casado com a princeza Isabel.

trução da nacionalidade. As convenções políticas dos homens não atingem os espíritos desincarnados. O exílio termina sempre na sepultura, porque a unica realidade é o amor e o amor, eliminando todas as fronteiras, nos ligou para sempre ao torrão brasileiro. Não tenho o direito de criticar a República, mesmo porque todos os fenômenos políticos e sociais do nosso país tiveram os seus pródomos no mundo espiritual, considerando-se a missão do Brasil dentro do Evangelho. Apenas quero dizer que não só os republicanos, mas também nós, os da monarquia, estavamos redondamente enganados. O erro da nossa visão, quando na terra, foi supôr no Brasil o mesmo espírito anglo-saxão que a Inglaterra legara aos Norte-americanos. Eu também fui apaixonado pelo liberalismo, mas a verdade é que, em nossa terra, prevaleciam outros fatores mesológicos e, até agora, não temos sabido conciliar os interesses da nação com esses imperativos.

A ausencia de tradição nos elementos de nossa origem como povo estabeleceu uma descentralização de interesses, prejudicial ao bem coletivo do país. Para a formação nacional, não vieram da metrópole os espiritos mais cultos. Pesando, de um lado, os africanos, revoltados com o cativo, e, de outro, os índios, revoltados com a invasão do estrangeiro na terra que era propriedade deles, a balança da evolução geral ficou seriamente comprometida. Sentimentos excessivos de



liberdade não nos permitiram um refinamento de educação política. Todos querem mandar e ninguém se sente na obrigação de obedecer. Quando no império, possuíamos a autoridade centralizadora da Corôa, prevalecendo sobre as ambições dos grupos partidários que povoavam os nossos oito milhões de quilômetros quadrados; mas, quando os republicanos sentiram de perto o peso das responsabilidades que tomaram á sua conta, os espiritos mais educados reconheceram o descerto das nossas concepções administrativas. Enquanto as nações da Europa e os Estados Unidos podiam empregar livremente no nosso país os seus capitais, a título de empréstimos vultosos que desbaratavam compulsoriamente a nossa economia, o Brasil podia descansar na monocultura, fazer a politica dos partidos e adiar a solução dos seus problemas para o dia seguinte, dentro de um regime para o qual não se achava preparado em 1889. Mas, quando se manifestou a crise mundial de 1929, todas as instituições políticas sofreram as mais amplas renovações, dentro dos movimentos revolucionários de 1930. Os capitais estrangeiros não puderam mais canalizar suas disponibilidades para a nossa terra, controlados pelos governos autarquicos dos tempos que correm, e o Brasil acordou para a sua propria realidade. Aliás, nós, os desincarnados, ha muito tempo procuramos auxiliar os vivos na sua tarefa.

— Quer dizer que tambem tendes inspirado

os labores dos estadistas brasileiros?

— Sim, de modo indireto, pois não podemos interferir na liberdade dêles. Ha alguns anos, procurei auxiliar Alberto Torres nas suas elucubrações de ordem social e politica. Em geral, nós, os desincarnados, buscamos influenciar, de preferéncia, os organismos mais sensiveis á nossa ação e Torres era o instrumento de nossas verdades para a administração. A realidade, porém, é que êle falou como Jeremias. Sómente a gravidade da situação conseguiu despertar o espírito nacional para novas realizações.

— Majestade, as vossas palavras me dão a entender que aprovais o novo estado de coisas do Brasil. Aplaudistes, então, a queda da denominada república velha, sob as vibrações revolucionárias de 1930?

— Com as minhas palavras — disse êle bondosamente — não desejo exaltar a vaidade de quem quer que seja, nem deprimir o esforço de ninguém. Não posso aplaudir nenhum movimento de destruição, pois entendo que, sôbre a revolução, deve pairar o sentimento nobre da evolução geral de todos, dentro da maior concordia espiritual. Considere que, examinando a minha consciência, não me lembro de haver fortalecido nenhum sentimento de rebeldia nos meus tempos de governo; entretanto, muito sofri, verificando que eu poderia ter suavizado a luta entre os nossos estadistas e os políticos da America espanhola.



Outra forma de ação poderíamos ter empregado no caso de Rosas e de Oribe e mesmo em face do próprio Solano Lopez, (1) cuja inconsciência nos negocios do povo ficou evidentemente patenteada. E note-se que o problema se constituia de graves questões internacionais. O nosso mal foi sempre o desconhecimento da realidade brasileira. Os nossos períodos históricos têm sofrido largamente os reflexos da vida e da cultura européias. Nos tempos do império, procurei saturar-me dos princípios democráticos da política francesa, tentando aplicá-los, amplamente, ao nosso meio, longe das nossas realidades práticas. Os republicanos, com Benjamin Constant, Deodoro, etc., deram-se a estudar a "Republica Americana", de Bryce, distantes dos nossos problemas essenciais. Quando regresssei das lutas terrestres, procurei imediatamente colaborar na consolidação do novo regime, afim de que a divisão e os desvarios de muitos dos seus adeptos não terminassem no puro e simples desmembramento do país. Graças a Deus, conseguimos conduzir Prudente de Moraes ao poder constitucional, para acabarmos reconhecendo agora as nossas realidades mais fortes. Devo, todavia, fazer-lhe sentir que não me reconheço com o direito de opinar sobre os trabalhos dos homens públicos do país. Cabe-me, sim, rogar a Deus que

---

(1) Alusão ás lutas e guerra em que se envolveu o Brasil com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e do Paraguai.

os inspire, no cumprimento de seus austeros deveres, diante da pátria e do mundo. O grande caminho da atualidade é a organização da nossa economia, em materia de política, e o desenvolvimento da educação, no que concerne ao avanço sociológico dos tempos que passam. Os demais elementos de nossas expressões evolutivas dependem de outros fatores de ordem espiritual, longe de todas as expressões transitórias da política dos homens.

A essa altura notei que a minha curiosidade jornalística começava a magoar a veneravel entidade e mudei repentinamente de assunto.

— Majestade, que dizeis da grande figura hoje lembrada?

— O vulto de José Bonifacio foi sempre objecto de meu respeito e de minha amizade. E olhe que foi elle o mais sensato organizador da nacionalidade brasileira, cujo progresso acompanha, carinhosamente, com a sua lealdade sincera. Hoje, que se comemora o centenário da sua desincarnação, devemos relembrar o seu regresso, de novo, ao Brasil, em meados do século passado, tendo sido uma das mais elevadas expressões de cultura, na Constituinte de 1891.

Disponha-me a obter novos esclarecimentos; mas, o Imperador, acompanhado de amigos, retirava-se quasi que abruptamente da nossa companhia, correspondendo fraternalmente a outros apêlos sentimentais.



Palavras amigas de adeus e votos de ventura no plano imortal e eu e o meu amigo José Porfirio lá ficávamos com a suave impressão da sua palavra sabia e benevolente.

Daí a momentos, o meu companheiro quebrava o silencio de minha meditação:

— Humberto, os monarquistas tinham razão!... Este velho é um poço de verdade e de experiência da vida! Você deve registrar esta entrevista, oferecendo aos vivos estas palavras quentes de conhecimento e de sabedoria!...

E aqui estou escrevendo para os meus ex-companheiros pelo estomago e pelo sofrimento.

Acreditarão no humilde cronista desincarnado?

Não guardo dúvidas nesse sentido. Penso que obteria mais amplos resultados, se fosse ao Cemitério do Cajú e gritasse a palavra do Imperador, para dentro de cada túmulo.

(Recebida pelo medium Francisco Candido Xavier)



## A «morte» de Pio XI

Cercado de todas as honras pontificais, Pio XI agoniza...

De seus labios exaustos, nada mais se ouve, além de algumas palavras ininteligíveis. Seu coração está mergulhado na rêde dolorosa das perturbações organicas, mas seu espírito está lúcido, como o de uma sentinela, a quem não se permite dormir.

Alvorece o dia... Preparam-se os sinos de Roma para anunciar as matinas á antiga cidade dos Cesares e o velho pontifice tenta, ainda uma vez, articular uma palavra que expresse a sua vontade derradeira. Todavia, não obstante todas as dignidades sacerdotais e apesar de todos os títulos nobiliarquicos do mundo, que lhe outorgam o tratamento de um soberano terrestre, Sua Santidade se despede da vida material, sob os mesmos imperativos dos regulamentos humanos da natu-